

Dança: conhecimento a ser tratado nas aulas de Educação Física Escolar

Mônica Caldas Ehrenberg ¹
Jorge Sérgio Pérez Gallardo ²

¹Academia de Ensino Superior - Sorocaba SP e FEFISA - Santo André SP

²Faculdade de Educação Física - UNICAMP Campinas SP

Resumo: Este estudo de cunho bibliográfico visa refletir sobre a Dança como um dos conhecimentos a ser tratado nas aulas de Educação Física escolar, com um olhar estabelecido pelo conceito de cultura como categoria principal para essas aulas. Sendo esta uma abordagem relativamente nova para a área e ainda discutida de maneira equivocada, é que nos sentimos motivados a escrever este texto, partindo dos pressupostos mais antigos da Educação Física, cuja associação sempre foi de um corpo exclusivamente biológico, e buscando alcançar a relação cultural para área. Reconhecendo a dificuldade de um olhar prático para o conceito estabelecido, é que sugerimos, ao final do texto, uma possibilidade de trabalho para a Dança nas aulas de Educação Física escolar, com um enfoque cultural.

Palavras-chave: Educação Física Escolar, cultura, dança.

Dance: knowledge to be treated scholastic Physical Education

Abstract: This review of literature paper discusses the role of the Dance as a body of knowledge that needs to be addressed at Physical Education classes. It is through a cultural approach that Dance is here valued as especially favored for the classes concerned. Because this is a relatively new approach and it still has being discussed on questionable assertions, we felt moved to write this paper, based upon the old assumptions of the Physical Education field. In which human body is here regarded not in exclusively biological terms, but also in its cultural implications. As we recognize the practical difficulties implied on this matter, we finish our analysis proposing a possibility of activities on the Dance in scholastic Physical Education situations with a cultural approach.

Key Words: Scholastic Physical Education, culture, dance.

Introdução

Escrever sobre a Educação Física e os elementos da cultura corporal tratados por ela no contexto escolar é algo que nos motiva há algum tempo, principalmente quando temos a oportunidade de nos focar nos conhecimentos específicos da dança.

Ao contrário do que poderíamos esperar para um país dito “dançante”, a dança é um dos conhecimentos da Educação Física pouco trabalhado nas escolas. Na verdade, referimo-nos a pouco trabalhado, pois entendemos que um conhecimento escolar deva ter sentido, significado, contextualização, além de objetivos específicos associados ao componente curricular a que se destina. E, geralmente, o trabalho de dança que encontramos nas escolas se remete a simples composições coreográficas com fins em si mesmo.

Neste texto buscamos uma nova relação em nossos estudos ao utilizar um conceito já sugerido por Daolio (1994) de cultura como categoria principal para a Educação Física. Na realidade esta relação não é apenas nova para nós e sim para a área como um todo, afinal as Ciências Humanas têm tido um reconhecimento mais significativo na Educação Física, entre avanços e críticas, há pouco mais de uma década. Nesse caso, a

dança, sendo o conhecimento sobre o qual nos debruçamos nesse momento, também será vislumbrada à luz de uma abordagem cultural.

Para iniciar tal reflexão consideramos necessário reportar-nos à fase mais antiga da inclusão da Educação Física em nossas escolas, a fim de verificar como o seu reconhecimento tem se dado ao longo dos anos e como esse componente curricular tem sido tratado até os dias de hoje com possibilidades de entendimento cultural.

Em seguida, passamos a pensar na dança como conhecimento da Educação Física que imprime e expressa relações estabelecidas pela cultura do corpo.

Ao final desse estudo, propomos um olhar prático, sugerindo uma proposta metodológica para que a dança seja, efetivamente, trabalhada entre os conhecimentos da Educação Física no contexto escolar.

Educação Física na escola: do biológico ao cultural

A inclusão da Educação Física na escola brasileira ocorreu ainda no século passado, no entanto é certo que a preocupação com os exercícios físicos já era uma constante no século XVIII, principalmente na Europa.

Soares (1998) afirma que a ginástica era considerada como parte significativa dos novos códigos de civilidade e uma “educação do físico”, como cita a autora, era reconhecida com extrema importância ao longo de todo o século XIX europeu. O corpo reto de porte rígido era essencial e os exercícios físicos eram instrumentos capazes de moldar e adestrar os corpos a fim de instaurar a ordem coletiva. Esta ginástica, proveniente da Europa, chega ao Brasil e passa a ser disciplina obrigatória no ensino primário enquanto a dança é inserida para as mulheres no ensino secundário com o objetivo de promover exercícios físicos que eram sinônimos de boa saúde, além de possibilitar e preparar estas mulheres para a maternidade. A característica destas aulas de dança dá-se por exercícios calistênicos, com reprodução de gestos de forma harmônica e padronizada, ritmadas por uma música de fundo. Segundo Darido (1999) isto ocorre por volta de 1854, três anos após a reforma de Couto Ferraz.

A trajetória da Educação Física no interior das escolas é longa e repleta de (re) configurações. Os conteúdos e os objetivos desta área de conhecimento vão se moldando com influências e interferências de diferentes instituições, sejam estas em alguns momentos médicas, militares ou esportivistas, todas já bastante criticadas e superadas. No entanto, reconhecemos que estas tiveram seu valor, principalmente se considerarmos que estas instituições foram a gênese da sistematização da Educação Física na escola. O que não se pode negar é que em todos os momentos a Educação Física brasileira tendeu-se a uma forte influência das Ciências Naturais e o conceito de homem sempre foi defendido sobre uma ótica exclusivamente biológica.

As aulas de Educação Física visavam o desenvolvimento da aptidão física e, existente até os dias atuais em algumas escolas, os alunos eram submetidos a testes de esforço físico ao início e ao final do ano letivo a fim de verificar o alcance, ou não, dos objetivos propostos pela área.

Darido (1999) aponta que em meados da década de 80 a Educação Física passa por importante debate acadêmico. Várias concepções passam a surgir de maneira bastante significativa tendo em comum entre elas a tentativa de romper com o modelo mecanicista.

Neste mesmo período surgem os primeiros cursos de pós-graduação no Brasil e muitos profissionais estão retornando de cursos no exterior. Assim, o debate acadêmico fica mais intenso e a Educação Física insere-se num movimento social muito amplo, a redemocratização da sociedade brasileira. Como cita Caparroz (1997) este foi um momento de reivindicações, organização dos sindicatos em busca das “diretas-já” e de uma transição democrática para o país, enquanto no cenário acadêmico da Educação Física debates importantes eram travados. A contestação da área pelo modelo vigente torna-se palco para a realização de significativos congressos e eventos, tais como o Congresso Brasileiro de Ciências do

Esporte em 1980, e no mesmo ano, o I Encontro Nacional de Estudantes de Educação Física (ENEEF).

Acreditamos que os avanços são significativos e as tentativas de romper com antigos modelos são plausíveis. No entanto, é tudo muito lento e corre-se sempre o risco de o novo, sofrer interpretações errôneas, o que dificulta ainda mais o entendimento da área.

Daolio (1998) considera que neste período de transição, o predomínio biológico passa a ser questionado e as Ciências Humanas na área da Educação Física passam a ter maior espaço. Ainda que bastante inicial passa a surgir neste momento a questão cultural, ou seja, começa-se a contextualizar o homem no meio em que vive, reconhece-se, ainda que superficialmente, que este faz parte de um contexto e que não é possível dissociá-lo.

Cada indivíduo traz uma bagagem repleta de sentidos e significados que não deve ser desconsiderada. Apesar de ser um significativo avanço na área, Daolio (1998) considera que nem tudo esteja resolvido, afinal a Educação Física ainda compreende o conceito de cultura sem profundidade ou até erroneamente. Torna-se necessário para a área revisar esse conceito, visto que tratamos do homem e suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e movimento (esportes, jogos, danças, lutas, etc.) ficando difícil desvincular o homem e sua produção do meio social em que vive.

Consideramos que o conceito de cultura não seja muito simples de ser entendido, principalmente se considerarmos que há muito tempo os profissionais da área são formados sob uma visão de corpo - matéria onde as diferenças entre os homens dão-se apenas por questões anatomo - fisiológicas e, conseqüentemente os indivíduos passam a ser separados em aptos e inaptos para cada determinada atividade. Neste caso tudo está determinado geneticamente, bastando ser treinado e provar sua capacidade inata. Esta maneira de entender o homem está bastante consolidada em nossa área, no entanto, entendemos que outras vertentes, provenientes das Ciências Humanas, estão consolidando-se e provando que somos mais do que de sistema nervoso, circulatório, respiratório,... mas sim, somos também cercados de sistemas organizados simbolicamente.

Separar os aspectos biológicos dos sociais é algo ainda bastante comum para a área. Nas próprias Faculdades de Educação Física encontramos a divisão por Departamentos distintos, onde geralmente, de um lado encontramos os estudos provenientes de uma visão natural e de outro lado os estudos de visão cultural e, dificilmente um se integra ao outro. Esta separação entre natureza e cultura está centrada no pensamento iluminista do século XVIII, já superada pelas Ciências Humanas, mas ainda presente na Educação Física atual.

Mais uma vez concordamos com Daolio (informação verbal)¹ quando propõe a superação da célebre oposição entre natureza e cultura optando por utilizar o termo “Natureza Cultural”. Assim, acreditamos na junção dos dois conceitos sem que um sobreponha-se ao outro nem ao menos que um seja excluído frente ao outro. Desta forma é considerada a natureza biológica do indivíduo, porém considerando-o como parte de contextos culturais diferenciados.

De maneira ainda mais enfática, Durham (1984) escreve ser impossível considerar um indivíduo apenas matéria, sob uma perspectiva apenas biológica e afirma que, sem as construções sociais, ou seja, sem

[...] as orientações, regras simbolicamente construídas, o homem não teria um comportamento mais natural - seria, ao contrário uma monstruosidade biologicamente inviável, incapaz de governar seus impulsos, viver em sociedade e organizar sua ação sobre o mundo (p. 72).

Com a citação descrita acima nos parece que a Educação Física tem tratado o homem como um ser incompleto, esquecendo-se dos símbolos que construímos ao longo da vida e que se tornam indissociáveis de cada um de nós. Os símbolos tornam-se elementos constitutivos da vida social e estes são cercados de significados constituídos por nós, ou como cita Geertz (1989) defendendo um conceito de cultura semiótico, “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” (p.15) e, assumindo isto, o autor entende a cultura como sendo essas teias.

Para Geertz (1989) a cultura é um contexto como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, a cultura é pública, pois, segundo ele, o significado também o é.

Em um ponto acreditamos que as várias abordagens emergentes da Educação Física concordam entre si, que esta é uma área de conhecimento que trabalha com o homem; sendo assim não se pode conformar que o conceito de cultura esteja distante ou até seja inexistente, principalmente se tomarmos como certas as citações feitas anteriormente a respeito da impossibilidade de um homem sem construções simbólicas. Estes homens com os quais trabalhamos devem ser vistos e entendidos em sua totalidade.

Os conhecimentos abordados nas aulas de Educação Física são manifestações culturais explicitadas através do corpo. Os jogos, os esportes, as lutas, as danças (entre outros que vem sendo propostos por alguns autores) manifestam-se de diferentes formas dependendo do tempo e espaço que estão inseridos, ou seja, dependendo das construções simbólicas que os cercam.

O fato de referenciar estes conhecimentos significa, para nós, levar em consideração aqueles que fizeram parte das experiências do grupo familiar (pais, avós, irmãos, etc) conhecimentos estes que, estruturam as formas de ser e pertencer ao grupo social, outorgando-lhes uma identidade. A isto denominamos *Educação Patrimonial* (PÉREZ GALLARDO, 2003).

Entendemos que as aulas de Educação Física na escola devam ser trabalhadas a partir dos elementos da cultura corporal, com a idéia de diversificá-los e ampliá-los, com o intuito de aumentar e possibilitar novas experiências, além de transferi-los para situações mais complexas. Consideramos que esta ampliação se dê de forma espiralada, isto é, a partir do conhecimento adquirido no grupo social familiar e ampliando esta estrutura para os conhecimentos relativos à região que o aluno pertence, posteriormente à cidade, seguida de uma visão nacional e até internacional.

Acreditamos que dessa forma, o aluno perceba-se e considere-se como parte integrante da formação e recriação dessas manifestações culturais com as quais a Educação Física trabalha, passando essas a ter sentido e significado no ambiente escolar.

A dança e a abordagem cultural: discussões preliminares

Durante algum tempo estamos atendo-nos ao estudo da dança acreditando que esse seja mais um dos elementos a ser trabalhado pela Educação Física no contexto escolar. Atualmente temos nos preocupado com este conhecimento focando principalmente os processos metodológicos utilizados pelos professores que trabalham com o mesmo.

Os significados da dança para os alunos são os mais variados, diferenciando-se muito de acordo com a prática metodológica utilizada pelo professor. O que percebemos, em estudo recente, é que a dança, na escola, assume as características mais tradicionais da Educação Física, fazendo-se valer como uma mera oportunidade de reprodução de movimentos rítmicos. Em geral, o professor escolhe uma música, elabora uma seqüência coreográfica de acordo com uma data festiva vigente e os alunos, todos iguais, copiam a movimentação (EHRENBERG, 2003). Aquela dança, inserida na escola brasileira com caráter e objetivos biologicistas iniciada em 1854, citada anteriormente, parece perpetuar-se.

Freqüentemente, ao serem questionados sobre o valor cultural que a dança possibilita aos alunos, os professores o reconhecem e o consideram como positivos. Muitos professores dizem que buscam passar estes significados aos seus alunos valorizando a cultura nacional, apresentando danças típicas brasileiras, aquelas que eles não conhecem, mas que fazem parte da nossa história (EHRENBERG, 2003). Implicitamente, percebemos neste discurso que, ainda nos dias de hoje, falar de cultura pode significar falar “do outro”, do que não nos é comum.

¹ Citação utilizada por Daolio, J. em aulas do Programa de Pós Graduação – Mestrado/Doutorado da FEF Unicamp, na disciplina ministrada por ele: Educação Física e Cultura, no 2º semestre de 2001.

Fazendo um paralelo com a Antropologia, já que esta é, segundo Laplantine (1988) uma ciência que busca estudar o homem por inteiro e suas diversidades históricas e geográficas, consideramos importante destacar o relato feito por este autor sobre os antropólogos ao iniciarem os estudos das sociedades humanas, ou seja, das culturas humanas. Ele descreve que estes estudiosos dedicaram-se primeiro aos estudos das sociedades “não tradicionais”, no caso, as comunidades camponesas, depois grupos marginais e por último e há apenas poucos anos o setor urbano. O autor reconhece a dificuldade de nos perceber como seres culturalmente constituídos e diz que “[...] de fato, presos a uma única cultura, somos não apenas cegos à dos outros, mas míopes quando se trata da nossa” (LAPLANTINE, 1988). No entanto, atualmente, já se reconhece a nossa cultura entre tantas outras, mas consideramos que temos ainda dificuldade em analisá-la, criticá-la e explorá-la.

Reconsiderando o conhecimento da Educação Física em questão, inúmeras são as manifestações culturais expressas através da dança. A cada geração surgem novas peculiaridades, em cada região de um único país como o nosso encontramos singularidades de movimentos rítmicos. Mas, o que encontramos no interior das escolas, quando não são movimentos mecânicos reproduzidos pelos alunos em função de uma data comemorativa, são as danças ditas folclóricas (este termo deveria ser conhecido com maior profundidade por aqueles que dizem trabalhar com ele) ou populares de diferentes regiões do país, mas ainda assim sendo reproduzidas sem interpretação de seus valores e significados. Sinceramente não sabemos qual é o valor que se pode dar ao “ensino” (destacamos por considerarmos que ensino vai além da simples cópia) do Maracatu², por exemplo, a alunos de uma escola no interior de São Paulo, ou qualquer outra manifestação de dança, sem que os alunos sequer saibam sua origem, seu significado e suas reconfigurações dos dias atuais. Exaltamos aqui que não desconsideramos a importância de conhecer manifestações culturais longínquas, porém elas devem ser contextualizadas.

Sem dúvidas existem várias formas culturais de se compreender a dança, formas estas construídas ao longo dos tempos e específica de cada local, mas não existe sentido em estudar tais manifestações desvinculadas de seu contexto social, político, histórico. É necessário ir além do movimento por si só e com fins em si mesmo. A dança, como outras manifestações da cultura corporal, é capaz de inserir o seu aluno ao mundo em que vive de forma crítica e reconhecendo-se como agente de possível transformação, mas, para tal é necessário não apenas contemplar estes conteúdos e sim identificá-los, vivenciá-los e interpretá-los corporalmente.

As crianças e adolescentes das nossas escolas de hoje possuem um rico e vasto conhecimento de suas próprias “tribos”. Elas identificam-se nesse universo particular que, sem dúvida, está entrelaçado em significados. Será, então, que estes conhecimentos trazidos pelos próprios alunos, muitas vezes provenientes de uma cultura de massa televisiva, não são manifestações culturais dignas de serem aproveitadas nas nossas aulas?

Na verdade, toda influência que a mídia exerce sobre a população só ocorre porque existe grande aceitação por parte dessa população e de nada adiantaria uma censura ou proibição, pois limitaria as pessoas a refletirem e aqui cabe o papel da escola (SBORQUIA; PÉREZ GALLARDO, 2002, p. 105).

Por estarmos tratando do trabalho da dança, reconhecemos ser necessário filtrar as danças “ditas da mídia” ao inseri-las no interior da escola e discuti-las como manifestações culturais de nossos tempos, mas não concordamos que a dança seja mais um conhecimento da Educação Física a reproduzir movimentos mecânicos totalmente pobres de significados e sentidos.

Todos os elementos corporais tratados pela Educação Física são culturalmente construídos e determinados por nós com diferentes significados, dependendo do contexto que estão inseridos e isto precisa ser considerado.

Entender e considerar que mudar o conceito até então estabelecido pode tornar a área mais rica parece-nos confortável. Como então redirecionar o ensino da dança no contexto escolar, a luz de uma categoria cultural?

A dança na escola: uma sugestão metodológica

A dança, sendo um dos elementos da cultura corporal a ser trabalhado nas escolas junto ao componente curricular de Educação Física, pode contribuir para um conhecimento de nossa realidade em diferentes âmbitos, seja como referência da cultura local, regional, nacional ou internacional. O necessário é reconhecer que fazemos parte desta realidade e considerar que estamos fazendo história a cada dia, que construímos os significados de nossas vidas a cada aula e talvez a cada nova composição coreográfica. No entanto, enquanto estivermos apenas reproduzindo movimentos prontos, sem pensar ou agir sobre eles, pouca coisa estaremos construindo e em nada teremos superado aquela Educação Física mecânica e com características unicamente biológicas.

Sugerimos que a dança, inserida nas aulas de Educação Física não ultrapasse o âmbito da vivência, proporcionando aos alunos que experimentem e apropriem-se desta possibilidade de manifestação corporal. O interesse pedagógico não deve estar centrado predominantemente no domínio técnico do

² Maracatu é uma dança de origem africana executada ao som de instrumentos de percussão além de violas. Dança muito conhecida na região Norte do Brasil.

conhecimento trabalhado, mas sim na possibilidade de incorporação das muitas técnicas de execução que possibilitem a sua transferência para várias outras situações ou contextos (PÉREZ GALLARDO, 2002).

Sugerimos uma divisão para as aulas em três etapas:

O primeiro momento refere-se à exploração de movimentos espontâneos. No caso de uma música, ou outro estímulo sonoro escolhido como referência, não é necessário conhecer os passos e movimentos específicos da mesma. Neste primeiro momento buscamos estabelecer uma linguagem corporal comum ao grupo. Este seria o momento de exteriorizar o que sentimos em relação à música, transformando a linguagem musical em linguagem do movimento. Explorar os movimentos em diversos planos e eixos, ora sozinhos, ora em duplas, ou pequenos grupos, reconhecer a si mesmo e interagir com os outros construindo diferentes maneiras de se locomover além de elaborar formações que variem no espaço pré-estabelecido, fazem parte desse processo inicial.

Acreditamos ser necessário ressaltar que nem toda dança faz-se ao som musical, o ritmo corporal, cadenciado pelo silêncio pode ser considerado uma forma de dança muito comum entre os estilos contemporâneos, no entanto muitos estudos já comprovam o fator motivacional que a música é capaz de proporcionar ao ser humano, sendo assim a escolha da mesma pode contribuir com a aceitação e participação efetiva dos alunos na aula de Educação Física. Além disso, concordamos com Schroeder (2000) ao considerar em seu trabalho que a música só sustenta-se na dança como força expressiva e não como cerne, porém ao emprestar o ímpeto de seu fluxo a uma composição corporal, música e dança acabam por somar riquezas, ampliando o alcance sugestivo e as possibilidades de articulação, revigorando assim, sua força expressiva, uma na outra.

Num segundo momento da aula, com a música internalizada, sentida e vivida, consideramos ser pertinente a relação de troca de experiências entre alunos que já conhecem a dança escolhida e os que desconhecem. A experimentação dos movimentos mais próximos ao tipo de dança que está sendo estudada deve acontecer sem grandes preocupações em relação à forma estrutural. As movimentações podem ser adaptadas caso seja necessário, de acordo com as necessidades da turma, no entanto é importante que os alunos saibam e conscientizem-se de que existe uma forma já criada, culturalmente determinada e que, conforme as necessidades, estaremos recriando-as em aula, configurando-as conforme a realidade inserida.

Acreditamos que, em pequenos grupos, os alunos possam elaborar seqüências simples utilizando-se da movimentação explorada no primeiro momento da aula, além de movimentos do segundo momento, possivelmente já conhecida.

No terceiro e último momento, consideramos que a contextualização da dança trabalhada deve fazer-se presente. Refletir e esclarecer o significado da dança estabelecida em diferentes aspectos como, em que região se apresenta, seu caráter histórico, a questão das vestimentas e indumentárias, bem como comparar a diferença de movimentos realizados antes no primeiro momento (espontâneos) e a caracterização dos movimentos mais específicos. A utilização de vídeos, gravuras, fotos, pode contribuir com este momento de contextualização.

Desta forma, acreditamos iniciar a visualização de um processo mais consciente, efetivo e de um aluno mais integrado ao conhecimento que está sendo desenvolvido e não apenas uma repetição de movimentos secos, frios e vazios de significados.

Pérez Gallardo (2002) propõe uma classificação das danças segundo sua origem, a fim de facilitar a delimitação deste conhecimento na escola. Segundo o autor, para estar inserida nas aulas de Educação Física é possível considerar as danças tradicionais ou folclóricas, por representarem a cultura particular de uma região, e as danças populares que são aquelas veiculadas pelos meios de comunicação e praticadas pela comunidade, chegando, em alguns casos, a tornarem-se tradicionais. Ressaltamos aqui, como já citamos anteriormente, a importância do professor em reconhecer este tipo de dança como relevante e propício, ou não, para o âmbito escolar.

Com a classificação citada, busca-se oportunizar ao aluno reconhecer e interpretar as danças do seu cotidiano, bem como conhecer representações que não fazem parte de seu universo mais próximo. Todos os tipos de dança selecionados para serem trabalhados nas aulas devem possibilitar interpretações e (re) criações do que já se tem constituído, ou seja, não necessariamente irá se reproduzir o ritmo do Forró proveniente da região Nordeste do Brasil e sim, além de vivenciá-lo, busca-se interpretá-lo, identificar as semelhanças e diferenças regionais podendo criar um Forró de acordo com o contexto do próprio âmbito escolar que se está inserido.

Apresentação de vídeos, discussões de textos e questões problematizadoras, além de movimentações exploratórias das coreografias são um conjunto de possibilidades para um trabalho de dança na escola.

A sugestão que se faz cabe não só para o conhecimento da dança, em específico, mas acreditamos fazer parte de um trabalho mais completo da Educação Física no contexto escolar. O aluno deve ser estimulado a conhecer e reconhecer-se como agente constituinte do meio, possibilitando apropriar-se das manifestações corporais que são (re) criadas por nós ao longo dos tempos.

O homem por inteiro, inserido numa “Natureza Cultural” (utilizando o termo sugerido por Daolio) que a Educação Física começa a perceber, é capaz de

transmitir os sentimentos da vida pela arte, sentimentos estes essenciais. Desta forma, acreditamos que a dança, inserida como elemento da cultura corporal e, portanto tratada na escola pela Educação Física, ainda tenha um longo caminho a percorrer. Mas a discussão está aberta e parece que nos últimos anos debates relevantes a respeito do aspecto cultural para nossa área tem se findado, o que não poderia ser diferente, afinal como mais uma vez, citamos Daolio (1998), os profissionais da Educação Física não lidam simplesmente com o corpo, “[...] mas com a cultura expressa nele e por ele”(p. 27).

Referências

CAPARROZ, F. E. **Entre a educação física na escola e a educação física da escola: a educação física como componente curricular.** Vitória: UFES, 1997.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo.** Campinas, SP: Papirus, 1994.

_____. Educação Física e Cultura. **Corpoconsciência**, Santo André, n.1, p.11-28, 1998.

DARIDO, S. C. **Educação Física na escola: questões e reflexões.** Araras, SP: Topázio, 1999.

DURHAM, E. R. Cultura e Ideologia. **Dados**, cidade, v.27, n.1, 1984.

EHRENBERG, M. C. **A dança como conhecimento a ser tratado pela Educação Física escolar: aproximações entre formação e atuação profissional.** 2003. 129 f. Dissertação (Mestrado em Pedagogia do Movimento) Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

PÉREZ GALLARDO, J. S. **Discussões preliminares sobre os objetivos de formação humana e capacitação para a educação física escolar, do berçário até a quarta série do ensino fundamental.** 2002. (Tese Livre Docência) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

PÉREZ GALLARDO, J. S. (Org.) **Educação Física escolar: do berçário ao ensino médio.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

SBORQUIA, S. P.; PÉREZ GALLARDO, J. S. As danças na mídia e as danças na escola. **RBCE**, Campinas v.23, n.2, p.105-118, jan, 2002.

SCHROEDER, J. L. **A música na dança: reflexões de um músico.** 2000. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

SOARES, C. L. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa do séc. XIX.** Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

Endereço:

Mônica Caldas Ehrenberg
Av. Senador Flaquer, 746/51 Vila Euclides
São Bernardo do Campo SP
09725-443

E-mail: monicace@sigmanet.com.br

Manuscrito recebido em 21 de julho de 2005.

Manuscrito aceito em 22 de novembro de 2005.